

FOI CARLO!

FÁBIO VIEIRA

FOI CARLO!



QUADRANTE

São Paulo

2021

Copyright © 2021, Fábio Vieira

Capa
Gabriela Haeitmann

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vieira, Fábio

Foi Carlo! / Fábio Vieira – 1ª ed. – São Paulo : Quadrante Editora, 2021.

ISBN: 978-65-89820-12-3

1. Biografias 2. Catolicismo 3. Igreja Católica 4. Juventude 5. Santidade
I. Título.

21-74818

CDD 248.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Santidade : Vida cristã 248.8

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos reservados a
QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br / atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Apresentação, por Roberto Oliveira.....	7
Foi Carlo!	11
A vocação.....	13
O primeiro encontro com Carlo.....	25
A pandemia	33
A internet.....	43
A família Acutis: os irmãos.....	53
A família Acutis: Andrea, o pai.....	65
A família Acutis: Dona Antonia, a mãe.....	75
A família Acutis: Luana, a avó.....	89
Assis.....	97
A beatificação.....	107
A receita de Carlo para a santidade em oito passos	115

Apresentação, por Roberto Oliveira

Sursum corda!

Caro leitor, este é o convite que lhe faço ao chamá-lo a «saborear» este livro. A história de Carlo, e o que ele «aprontou» na vida de meu estimado amigo Pe. Fábio, nada mais é do que um convite a, nas palavras de nosso Beato, fazermos um «simples movimento de olhar: de baixo para o alto».

Muitos se impressionam com o testemunho de Carlo Acutis, jovem que conseguiu galgar, na flor da juventude, os píncaros da santidade. Porém, o que realmente impressiona é que Carlo era um jovem *comum*, que gostava de coisas comuns, assistia a desenhos animados, jogava futebol com os amigos, tocava saxofone... No entanto, fazia tudo isso

com o olhar e o coração voltados para Deus. Pode-se dizer que Carlo viveu como ninguém o convite que o sacerdote nos faz a cada Santa Missa: *Sursum corda!*

Passaram-se quatorze anos desde o dia em que Carlo completou sua corrida pela «via expressa para o Céu». Seu exemplo até hoje comove, inspira e leva as pessoas a deixarem os «pequenos pesos» que as prendem à terra para alçarem voo rumo à meta, rumo ao infinito, ao Céu que «há muito tempo nos espera».

Quis Carlo, por desígnio do Criador, que esta Terra de Santa Cruz, sequer pisada pelo Beato, fosse o epicentro da difusão de sua devoção ao redor do orbe. Foi aqui que Deus se dignou realizar, por sua intercessão, o portentoso milagre, reconhecido pela autoridade da Igreja, que possibilitou a beatificação de nosso herói.

Padre Fábio e Carlo «se conheceram» por meio de um amigo em comum: o Padre Marcélo Tenório, um dos pioneiros em divulgar Carlo Acutis em nossa pátria. Mas o que aconteceu para que Padre Fábio, sacerdote de uma pequena Diocese no coração do Pantanal sulmatogrossense, cruzasse o oceano e chegasse a morar por um ano com a família Acutis, bem no meio de uma crise sanitária de proporções apocalípticas? Isto deixo para o nosso autor contar...

Muitas vezes, só depois que as coisas acontecem é que, olhando de fora, podemos ter uma visão mais

holística dos acontecimentos. E, iluminando a razão com a luz da fé, podemos fazer a leitura daquilo que nos acontece e perceber a ação de Deus nas menores coisas, naquelas coisas mais cotidianas que em geral nos passam despercebidas.

É neste contexto que vem a lume o livro *Foi Carlo!*. A partir desta inesquecível experiência – diria até uma aventura – que Padre Fábio viveu, bem como do modo como o Beato Carlo influenciou sua vida e a vida da família Acutis, também somos convidados a lançar um olhar sobre nossa realidade e a perceber como Deus nos ama de maneira única. Quem ama chega na frente, se antecipa, se esmera até mesmo nas minúcias pela pessoa amada. Este é o *modus operandi* de Deus conosco: mesmo que não o percebamos, sua providente onipotência se encarrega de tudo para o bem daqueles que Ele ama, ainda que nos pareça, de início, tratar-se de um «desastre socrático».

Por fim, esta obra convidará o leitor a redescobrir a riqueza da Fé Católica – a fé que Carlo viveu de maneira exemplar. Carlo se santificou simplesmente porque foi plenamente *católico*. Viveu sua fé de maneira muito autêntica, sem muitos floreios ou ideologias. Na Santa Missa e na Comunhão diárias, na devoção carinhosa a Nossa Senhora por meio da récita do Santo Terço, na leitura orante da Sagrada Escritura, nos sacrifícios e caridades cotidianos, na devoção ao Santo Anjo da Guarda, descobriu a chave para o imensurável tesouro do Céu.

Rogo à Santíssima Virgem Maria, única mulher da vida de Carlo, que o ajude, caro leitor, a saborear toda a aura sobrenatural, o imponderável que permeia a vida de Carlo. E que Ela nos ajude, apesar de nossas humanas limitações, a estar sempre com o coração em Deus.

Um pobre escravo da Santíssima Virgem Maria.

Foi Carlo!

Sim, agora entendo tudo. Foi Carlo!

Ele me trouxe para junto dos seus a fim de que vivesse com eles esses dias em que o sofrimento, a dor e a tristeza tomaram conta da nossa *bella Italia*. Foi Carlo que me fez companhia na solidão que por vezes me doía, massacrando uma alma que esperava ser acolhida e não tinha como encontrar alento.

Foi Carlo que me acolheu todos os dias às 18 horas, quando o boletim diário da epidemia era apresentado na TV e as lágrimas caíam quando o número de mortos era apresentado, ou ao ver o Santo Padre traçando solenemente o sinal-da-cruz com o Santíssimo Sacramento sobre a Praça de São Pedro completamente deserta.

Foi Carlo que me fez companhia nas noites longas, quando o silêncio de Assis ecoava dentro de mim e fazia pulsar uma angústia profunda, sem que eu entendesse o porquê de tudo o que estava acontecendo.

Foi Carlo que falou comigo em sonho e me mostrou um grande campo cheio de pessoas, para as quais ele apontava e dizendo, com seu olhar, que me esperavam para rezar. Entendi, então, que aquela era uma grande plataforma de pessoas carentes de um sinal do amor de Deus.

Foi Carlo que me trouxe do Brasil para estar com os seus nesse momento difícil, para não lhes deixar faltar o que, para ele, fora sua estrada para o Céu.

Foi Carlo que me inspirou a buscar a Mãe de Deus na oração do Santo Terço e, dEla, obter conforto e alento para continuar na paz interior.

Foi Carlo que, ao longo dos dias, foi me mostrando por meio de sinais que algo já estava sendo construído dentro de mim para uma missão maior.

Foi Carlo que me fez sentir a alegria do Céu aqui na Terra por meio da oração. Foi Carlo que me fez amar mais ainda a Eucaristia e tê-la como centro da minha vida.

É para você, Carlo, que dedico estas reflexões, que expressam o que vivi nesses dias de silêncio e encontro com Deus. Agora, sinto que a alegria está viva, a esperança se fortaleceu e a fé cresceu ainda mais, porque fiz um grande retiro espiritual e um profundo e verdadeiro encontro com Deus na oração, em sua companhia.

Foi Carlo...

Quaresma de 2020

I

A vocação

Sou de Fortaleza, capital do Ceará. Morávamos em um bairro de periferia, e minha família era aquilo que hoje chamamos de «católicos de IBGE». Se-
rei sincero: não posso dizer que, algum dia, cheguei a receber dos meus pais um testemunho de catolicidade, de vivência na fé. Isso não existia. Não me recordo, por exemplo, de alguma ocasião em que minha mãe ou meu pai me tenham chamado para irmos à Missa...

A única referência de fé que tive na minha infância foi minha avó materna: sempre a via com o Terço na mão. Toda vez que a visitava, sentia sua piedade e o seu amor a Nossa Senhora demonstrados pelas imagens que tinha, por sua linguagem e pelo seu jeito de ser. Aquilo me atraía muito – como era bom estar com a vovó! Ela era, na minha família, o pouco de catolicidade que eu encontrava.

Mesmo não tendo a vida de fé em casa, todos nós, eu e meus quatro irmãos, fomos batizados e fizemos a catequese. Mas o que minha mãe fez foi apenas me matricular, porque jamais fora à Missa comigo. Eu ia sozinho, tanto para a Missa quanto para a catequese: era algo meu; eu queria fortemente fazer a primeira comunhão. E comecei a me interessar muito pelas coisas da Igreja.

Entrei no grupo de coroinhas de uma Paróquia – não a minha, mas uma Paróquia vizinha do meu bairro em Fortaleza, cuidada por Padres salvatorianos. Eu estava todo domingo na igreja. Durante a semana, sempre a visitava. Era ótimo e me fazia muito bem encontrar com os outros «coroinhas».

Isso, contudo, começou a incomodar minha mãe:

– Está indo muito à igreja – dizia. – Tem de ficar mais em casa!

Ouvi-la dizer essas coisas entristecia-me imensamente. Meu pai, porém, nunca disse «sim» ou «não»; simplesmente não interferia. Minha mãe era um pouco mais resistente. Ouvi dela, várias vezes, que não queria «filho Padre». Não sei que concepção tinha sobre o sacerdócio. Imagino que, justamente pela falta de compromisso com a Igreja, por sua falta de fé e falta de conhecimento, querer um filho Padre não era prazeroso.

Éramos uma família pobre, com seus problemas. Meu pai tinha alguns vícios, principalmente o al-

coolismo, que nos faziam sofrer muito. Diante de tudo isso, a Igreja era minha fonte de consolo...

Apesar de eu ser coroinha em outra Paróquia, o grande momento – isto é, o chamado de Deus ao sacerdócio – foi despertado em meu coração graças ao Pároco de onde eu morava, o querido e saudoso Padre Almeida. Certa noite, em 1989, a comunidade quase vizinha à minha casa – ou seja, as pessoas do bairro – se reuniu e chamou o Pároco porque pretendia construir uma capela. Minha catequista, que morava nas redondezas e também era catequista na Paróquia vizinha, juntou-se a esse movimento.

No terreno onde se construiria a capela nova, não havia energia elétrica. As pessoas, portanto, colocaram um lampião alimentado por um pequeno botijão de gás e uma mesa. De repente, surgiu aquele Padre. Eu cheguei atrasado e fiquei no fundo, envergonhado e tímido. De onde estava, o sacerdote, a uns quinze ou vinte metros de distância, me avistou. E, como se não bastasse, deu um grito bem forte:

– Ei, jovem! Você! Vem aqui!

Não quis conversar com ele. Corri e fui para casa.

O sacerdote, no entanto, procurou saber quem eu era. Contaram-lhe sobre mim e, no encontro seguinte, ele apareceu de surpresa à porta de minha casa.

– Ei, jovem, encontrei você! Vim lhe fazer um convite. Vamos para os encontros vocacionais da

Paróquia? – Foi assim, muito direito e sem respeitos humanos, – Você vai ser Padre.

«Você vai ser Padre». Aquilo começou a me incomodar. Comecei a fugir do Padre Almeida. Por mais que eu participasse da vida paroquial, não tinha despertado para a vocação. Mas ele não desistiu.

– Espero você, no sábado – disse –, na igreja matriz, para o encontro vocacional.

Passei aquela semana inteira em um dilema: «Vou ou não vou? Vou! Não vou! Vou? Não vou!». Consultei, portanto, algumas pessoas, inclusive a minha catequista, que me encorajou:

– Vai! Vai! Vai ser legal para você, vai ser bom!

E eu fui.

Como fui bem recebido naquele encontro! O Padre Almeida estava radiante de alegria! Eu via aquilo e me perguntava: «Meu Deus, o que esse Padre viu em mim?». Ele me apresentou a igreja, convidou-me para participar do grupo de coroinhas. Quando dei por mim, estava inserido em todos os projetos da comunidade.

– Olha – falou-me –, você vai ficar lá engajado na comunidade. Quando eu for lá celebrar Missa, você vai estar do meu lado.

E assim foi. Começamos a construção da capela dedicada a Santa Teresinha do Menino Jesus, a primeira santa por quem tive grande devoção. Foi ela quem me abriu as portas para o conhecimento da vida dos santos da Igreja.

Dois anos depois, a capela ficou pronta. O Padre Almeida me nomeou coordenador da comunidade. Eu tinha apenas dezesseis anos. Que confiança teve esse Padre em um jovem de dezesseis anos! Ele nos valorizava tanto – aos vocacionados – que nos colocava na «linha de frente». Já nos chamavam de «miniPadres».

Meu ingresso no Centro Vocacional – que o Padre Almeida estava iniciando como se fosse um seminário propedêutico – despertou um grande conflito. O Padre Almeida foi quem protagonizara e construíra tudo aquilo, e nós, os vocacionados, fomos os primeiros a fazer a opção de morar com ele. É claro que minha mãe se opôs. Não porque eu era menor de idade, mas porque ela não queria que eu me tornasse sacerdote.

– Você não vai!

Ela armou uma grande confusão.

– Eu vou! – respondia. – A vida é minha, mãe! A senhora não pode interferir na minha opção, no que eu quero fazer!

– Mas eu não quero que você seja Padre...

Ela queria que eu fosse médico, advogado – alguma dessas profissões de referência na época, dessas carreiras que davam boa condição de vida. Mas eu fui, com um acordo sugerido pelo Padre Almeida: «Você passa três dias na sua casa e quatro aqui». Era um semiaberto. Embora eu passasse quatro dias no Centro Vocacional, não tinha a

menor vontade de ir para casa. Queria viver aquilo tudo integralmente.

Em pouco tempo, já estava coordenando o grupo de coroinhas. Gostava de ser chamado de «seminarista», mas era apenas vocacionado. Cursava o ensino médio em uma escola particular – custeada, aliás, pelo Padre Almeida, que nos ajudava a todos. Sozinho, jamais teria condição de estudar em escola particular.

Terminado o ensino médio, chegou o momento da minha escolha. O Padre Almeida foi muito claro: perguntou-me se eu queria ser diocesano ou religioso. Ele fora salesiano; por isso, respirávamos a espiritualidade de Dom Bosco: havia a Capela Dom Bosco, a Capela Nossa Senhora Auxiliadora, o Grupo de Coroinhas Domingos Sávio etc. Toda a espiritualidade salesiana me encantava muito. Eu diria até que o poder de atração do Padre Almeida se dava por sua «salesianidade». Eu o via como se fosse um outro Dom Bosco, ainda que fora da congregação. Ele foi mais salesiano fora que dentro. Assim, optei por tornar-me salesiano.

Concomitantemente, meus pais se divorciaram e foram para São Paulo. O Padre Almeida entrou em contato com a Inspetoria de São Paulo: comecei minha trajetória de salesiano em 1993, como seminarista maior em Sorocaba. Tive minha primeira experiência no Colégio Salesiano de lá, onde vivi por um ano, para depois começar a estudar filosofia.

Esse foi um período riquíssimo – e próximo da minha família natural, que para lá se mudara. Ainda hoje tenho um profundo apreço pelo diretor, o Padre Plínio Possobom, que vivia uma «salesianidade» profunda. Refiz o terceiro ano do ensino médio e, no ano seguinte, fui aprovado para começar os estudos de filosofia em Lorena, enquanto minha família permaneceu em Sorocaba.

A faculdade é um outro universo, uma outra grande experiência de vida. Depois do pré-noviciado, que é o primeiro ano de filosofia, fui aprovado para o noviciado em São Carlos. Foi nessa ocasião que morei com aquele que viria a ser Bispo de Corumbá e, depois, arcebispo de Cuiabá, Padre Milton Santos, que era o mestre de noviços. Já o conhecia porque era da congregação, mas durante esse período em São Carlos, em 1995, criamos uma afinidade muito grande.

Terminado o noviciado, fiz minha profissão e voltei para Lorena, para o pós-noviciado. Completei o curso de filosofia; em seguida, deixei a congregação. Estava entrando em conflito comigo mesmo. Sentia que tudo aquilo era como que um resquício do Padre Almeida dentro de mim. Eu era muito «livre», e percebia que a congregação não era especificamente minha vocação. No pós-noviciado, portanto, cheguei à conclusão de que a vida religiosa não era para mim, que eu não seria feliz como salesiano e que não deveria fazer os votos perpétuos. Tinha

de seguir outro caminho. Sabia que seria sacerdote, mas ainda não havia despertado para a vocação de um diocesano. Hoje, olhando para trás, tendo passado por tudo que passei, vejo que eu sou uma fotocópia do Padre Almeida: ele foi um grande empreendedor, um grande construtor de obras – e, em todo esse meu tempo de Padre, foi o que fiz!

Deixei a congregação e voltei para casa. «Para casa», na verdade, em termos, porque escolhi São Carlos para morar. Fui muito bem acolhido pelas freiras com quem tinha trabalhado, e passei a lecionar Ensino Religioso no Colégio São Carlos. Prestei outro vestibular, em pedagogia, e fui aprovado. Fabiola, minha irmã, foi morar comigo e fiquei três anos por lá. Aceitei o grande desafio de trabalhar na Faber-Castell, como educador encarregado de alfabetizar um grupo de funcionários. Dava aulas, pela manhã, no colégio; depois, ia para a Faber-Castell; e, à noite, ainda fazia faculdade.

Foi um período muito corrido, mas posso dizer que, durante esse tempo fora do seminário – foram seis anos, três em São Carlos –, eu fui mais seminarista do que antes. Parecia que eu jamais havia saído do seminário: a minha vida, o meu jeito de ser, o meu compromisso com a Igreja, tudo continuava ali. Parecia que eu era um «Padre em potência». Resolvi voltar para Sorocaba, mas fui contratado por outro colégio de freiras, em Porto Feliz, uma cidadezinha bem próxima. No primeiro ano, morando

em Sorocaba, ia todos os dias a Porto Feliz e Salto, outra cidade da região, onde também dava aulas em dois colégios religiosos. Para não continuar nesse trânsito, mudei-me para Porto Feliz. Já estava mais envolvido: dava aula de manhã, à tarde e à noite no Colégio das Irmãs Filhas de São José, em Porto Feliz, e na cidade de Salto.

Nesses seis anos, fui professor e dediquei-me exclusivamente à educação dos jovens. No colégio de Porto Feliz, lecionava da quarta série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio, bem como nos cursos técnicos à noite. A minha vida estava dentro do colégio. Foi quando resolvi fazer um concurso em Sorocaba para diretor escolar – como comumente se exige em São Paulo e nos municípios. E a vocação? Eu sabia que seria Padre, mas não sabia onde, quando ou como. Naquele momento, queria ser diretor, porque a educação me fascinava.

Lembro-me como se fosse hoje. Entre mais de três mil candidatos, havendo somente sessenta vagas, fui o vigésimo segundo colocado. Foi uma alegria muito grande. E, quando fui chamado para levar a documentação, a prova de títulos, para poder tomar posse, ligou-me Dom Milton Santos. Não mais Padre Milton, o meu mestre de noviços: *Dom Milton*, Bispo de Corumbá. Ele havia descoberto meu telefone. Precisava que eu fosse a Rio Claro buscá-lo, para que fosse à ordenação de um sacerdote. Foi uma surpresa – uma surpresa divina.

– Sou Bispo de Corumbá! – contou-me.

– Padre Milton – respondi –, que bacana, que surpresa boa!

Era até estranho chamá-lo «Dom Milton».

– É o seguinte – continuou –, eu estou aqui em Rio Claro e preciso ir a Cruzeiro para a ordenação de um Padre. Você poderia me levar?

– Tudo bem, assim a gente se encontra e coloca o papo em dia!

Fomos de Rio Claro até o Vale do Paraíba conversando – são uns 350 quilômetros.

E então o Céu falou pela boca de Dom Milton:

– Eu sou Bispo de Corumbá e você tem de voltar. Eu conheço você, e está na hora de voltar. E vou precisar, porque minha Diocese é pobre em todos os sentidos... Não tenho Padres nem seminaristas, e você é uma grande promessa.

– Dom Milton, isso me deixou emocionado até! Foi tudo o que consegui responder.

Essa conversa aconteceu em maio de 2002. Menos de um ano depois, em janeiro de 2003, lá estava Dom Milton, em Sorocaba, na minha casa, ajudando a arrumar minha mala.

Era 31 de janeiro, festa de São João Bosco, e um Bispo salesiano me levava para o Mato Grosso do Sul. Saímos de Sorocaba às oito horas. Às seis da tarde, chegamos a Campo Grande, e ele me deixou no seminário para fazer a Teologia, já como seminarista da Diocese de Corumbá.

Meses depois, Dom Milton foi transferido para ser Bispo de Cuiabá. Então, disse-me:

– Se quiser, venha comigo.

– Não, eu vou ficar.

E foi assim que Corumbá entrou na minha vida: de uma forma muito forte.

Eu estudava em Campo Grande, mas pertencia à Diocese de Corumbá, e estava sempre na cidade, especialmente no último ano de formação, em que os seminaristas intensificam o trabalho pastoral. Com a saída de Dom Milton, Corumbá recebeu outro Bispo: Dom Segismundo Martínez, espanhol que estava no Mato Grosso, também salesiano. Em 9 de dezembro de 2006, fui ordenado Diácono pelas mãos dele e enviado para o Distrito de Albuquerque. Ali começou a minha vida pastoral como Ministro Ordenado da Igreja. Acolhi aquele Distrito, com todos os seus desafios – e quantos desafios!

Permaneci em Albuquerque por quase seis anos – como Diácono e Padre, pois fui ordenado sacerdote sete meses depois de me tornar Diácono. Uma coincidência que tenho de registrar: minha ordenação sacerdotal ocorreu em sete de julho, no sétimo dia da semana, às sete da noite. Um amigo ainda me disse que o Bispo permaneceu por sete segundos com a mão na minha cabeça. Céus! Por fim, fui enviado à sétima Paróquia da Diocese.

Em Albuquerque, tive de ser não apenas Padre, mas médico, juiz, advogado... A situação social da-

quela região era muito triste. Um Distrito no meio do Pantanal, repleto de desafios... Enfrentei perseguições e até ameaças de morte por combater a prostituição. Graças a Deus, sempre tive a ajuda do poder público e de muitas pessoas amigas, inclusive juízes, sem falar da minha “madrinha”, Elizabeth Assad Fontenelle, que desde o início me acolheu em Corumbá. Ela era coordenadora de pastoral e hoje é uma grande amiga. É a «mãe» dessa Diocese.

Foram momentos difíceis, cheios de precariedade. Não tínhamos nem mesmo onde dormir. Foi graças a um prefeito muito solícito que pudemos erguer tudo: a casa paroquial, uma igreja construída e reformada... Além disso, é claro, também precisávamos de recursos para ajudar aquela população de dois mil habitantes no meio do Pantanal. Para um sacerdote recém-ordenado, foi uma experiência realmente desafiadora, mas também repleta de graças.